



MANIFESTO

MANIFesta - o que é?



Animar - Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Local

Av. Santos Dumont, 57 - 1º Esq.

1050-202 LISBOA

www.animar-dl.pt

www.facebook.com/associacao.animar

<https://agencianimar.com>

www.cidadaniaemp Portugal.pt

animar@animar-dl.pt

Telef.. 21 952 74 50/1

SANTARÉM 1994

impossíveis laços de cooperação e solidariedade. Entre associações, cooperativas, grupos e animadores, sejam vizinhos ou distantes. Entre estes e muitos outros parceiros: fundações, empresas, instituições religiosas, organizações da administração pública, centros de formação, unidades de investigação, e por aí adiante. Assim se poderão achar, reforçar e acelerar sinergias e *movimentos de interligação*. Em resumo, com tudo isto ganharemos todos maior consciência da solidez das redes de iniciativas de desenvolvimento local.

Tendo os protagonistas da causa visto claramente a vez e voz que têm, o querer comum, o poder que são, o que não são, e o que poderão vir a ser, é altura para **interpelar**, alto e bom som. É ocasião oportuna para exercer a cidadania, que não se pede, nem tão pouco se concede. É hora de apresentar a quem de direito (e são sempre muitos os receptores), mensagens várias. É, afinal, tempo para a reivindicação na res-publica. Assim, é mais do que certo que a *MANIFesta* expressará:

- perplexidades, para que os seguros e cheios de si se surpreendam, se forem capazes;
- sugestões, para que os homens do leme hesitem e ponderem maduramente os rumos a tomar;
- recomendações claras e realizáveis sobre a adequação local e regional das políticas, estratégias e instrumentos de desenvolvimento, para que os hesitantes actuem. Já.

Em poucas palavras, a *MANIFesta*, enquanto conversação, encontro convocado e assembleia mandante buscará *novos rumos para velhos caminhos* do desenvolvimento de Portugal. Serena e humilde, mas também festiva e, talvez, desconcertantemente. Recordemos, a propósito e para terminar, que foi a liberdade ingénuo e o destemor infantil que estilhaçou a cegueira geral e a ostentação balofa dum rei desnudado.

Santarém, 4 a 9 de Outubro de 1994

MANIFesta ASSEMBLEIA E MANIFESTAÇÃO

A *MANIFesta* será ainda um fórum aberto, um tempo intenso de comunicação e de *assembleia* que será precedida por muitas outras reuniões de reflexão e análise sobre o **local**. Isto sempre que haja um animador, grupo, ou associação que inicie a tertúlia. Em tempos distintos, mas culminando a conversação directa e simples na própria *MANIFesta*. Não será, portanto, mais um seminário pomposo e maçudo, com mais prelecção do que discussão. De modo nenhum. Buscamos a participação viva, plural, com fins precisos.

Antes de mais, impõe-se a todos o esforço de ouvir atentamente. Escutarmos bem os outros. Não estamos treinados a fazê-lo, reconhecamo-lo. Agarramo-nos ao pouco que vemos à pressa, às imagens que não passam da soleira do olhar. Apegamo-nos aos estereótipos, e opiniões. Temos sempre uma ou mais e sobre qualquer matéria. Urge, pois, iniciar a reaprendizagem do ouvir. Do ouvir sobretudo os que não têm nem vez, nem voz. Gente sem interlocutores há muita. Ouvindo, descobriremos o que não estando escondido jaz ainda na sombra: a iniciativa rica, mas silenciosa e hostilizada, aqui o projecto benéfico, mas ignorado e maltratado acolá. Note-se que mesmo o que nos é familiar não é necessariamente conhecido.

A assembleia será uma ocasião para balanços dos esforços e do trabalho feito; para pesagens dos erros cometidos e dos êxitos alcançados e para contagens de portas fechadas e abertas. Será, portanto, um tempo para o exame pertinente, saudável. Para o elogio certo, também. Incluem-se as críticas e os bons juízos que devemos a nós próprios, é claro. Os práticos desafiarão os teóricos, e estes confrontarão aqueles. Reaprender a ouvir é preciso. A democracia exige-o. Mas urge também fazer as perguntas directas, inesperadas e incómodas. Tal como é indispensável reconhecer o benefício da dúvida, a importância dela ser suscitada, hoje e amanhã. Vital é também apreciar o *valor da crítica e o desvalor do conformismo*. A democracia e o exercício da cidadania reclamam tudo isto.

Assim se cimentará o que já existe de bom e promissor. Assim se contribuirá para aperfeiçoar a acção futura. Assim se propiciará ainda a redescoberta das riquezas e fragilidades dos participantes, dos possíveis e

MANIFESTO MANIFesta o QUE É?

Palavras velhas não servem a coisas novas. Assim, a *MANIFesta* é, como o nome sugere, o inédito duma *manifestação em festa*. Que, aliás, já começou tempos atrás, humilde e recatadamente, aqui e ali, no *local*. Onde o país começa. Os pontos de partida e os caminhos feitos em cada espaço de pertença e de práticas autónomas foram e serão diversos. Mas para todos os andarilhos há pausas e paragens revigorantes. E também encruzilhadas. As próprias e as comuns. A *MANIFesta* é uma destas encruzilhadas de todos, onde a alegria e a razão do ajuntamento reforça a certeza da marcha a fazer adiante. É um reencontro e uma manifestação, portanto.

Manifestação, porque há uma **afirmação** de vitalidade, por parte de cidadãos, grupos e associações que são *animadores e protagonistas de iniciativas* de desenvolvimento local. Manifestação, também, porque esta é sempre um **desafio**. Manifestação, ainda, porque há também nela uma interpelação vigorosa e uma **reivindicação oportuna**, dirigida à sociedade portuguesa, no geral, e aos poderes políticos, em particular.

Aquí, como em tantas outras coisas, *o fim deve ser o princípio*. Atenemos, pois, nos termos **local** e *desenvolvimento*. Há que reconhecer a identidade e o potencial do que é local e regional. Sem peias, mas também sem tréguas aos localismos e regionalismos. Faz falta entender que o **local** é núcleo de reacções, solidariedades e protagonismos indesmentíveis. Mesmo que invisíveis para quem é de fora. É igualmente indispensável perceber que nem Portugal é Lisboa, mesmo em 1994, nem todo o resto é só paisagem. É também necessário apreender que o macro (do GATT à

UEM) inunda os poucos espaços que há e os *tempos que não há*: na escola, na TV diária, na retórica de ocasião, na análise económico-financeira corrente, etc.; que o **desenvolvimento** não é crescimento, muito menos a curto prazo; que a economia não é tudo, que a economia ou é social ou não é nada e que aquilo que é cooperativo e associativo não é irremediavelmente complicação e negação da capacidade de empreender; que a política é muito mais do que líderes, votos e que o próprio poder local pode reproduzir vícios centrais de antanho; que a democracia não se esgota nos partidos, é (e será sempre) obra de cultura, inacabada, que, entre nós, está apenas iniciada; que o *micro* é expressivo, por aqui se abrindo o entendimento da realidade, até da universal; que o que é pequeno, não sendo sempre bonito, não é forçosamente mau, e pode até ser melhor.

Por estranho que pareça toda a afirmação, desafio e reivindicação se fará em festa. Não epidérmica, mas da que nasce duma infinita esperança interior de *realizar o que urge*. E muitíssimo é, no campo vasto ou retalhado, na serra ou na montanha, nas zonas de cidade abandonadas e degradadas.

À política e à economia que originam e reforçam assimetrias, novas fronteiras e desertificação, dizemos não. À política e à economia que redistribuem o muito a poucos e o pouco a muitos, gerando e reproduzindo pobreza e exclusão de pessoas, dizemos não. Frontalmente. Para que a justiça e a solidariedade se realizem e a dignidade de todos se retome. A esperança que temos é sólida, porque está enraizada no saber e nas realizações que o passado nos legou. A festa resulta ainda do contentamento natural e legítimo, embora sempre insatisfeito com o que já foi alcançado. Alcançado com inconformismo e brio. Com trabalho cansativo, mas quase sempre gostoso.

MANIFesta PARA QUEM É?

A **MANIFesta** é para toda a gente; para todas as pessoas que queiram e possam aparecer e ficar a saborear o prazer do momento. Há espaços e tempos para todos: crianças ou jovens, adultos ou idosos. Não há VIP's ou convidados especiais, ou melhor, todos o são.

Mais especificamente, quem esperamos acolher? Para além dos protagonistas e animadores (profissionais e voluntários) de *iniciativas locais de desenvolvimento* (no campo e nas cidades), são bem-vindos os autarcas, das Juntas às Câmaras, governantes, parlamentares e administradores de serviços públicos, bem como universitários. O mesmo se diz com relação aos professores e estudantes, bem como aos jornalistas.

E, por fim, *esperamos acolher todas as pessoas – ainda sem projecto nem espaço de realização social – que se sintam insatisfeitas e queiram recusar o reduzidíssimo estatuto de “consumidor passivo” para que se vêem hoje empurradas.*

Na **MANIFesta** encontrarão, assim o esperamos, não um deserto de ideais e de ideias, ou o mero propósito de gerir a crise, mas sim fontes de criatividade, inovação e dinamismo. Acharão, por certo, gente com garra de empreender e de partilhar.

MANIFesta FEIRA E FESTA

A **MANIFesta** terá a cor viva, a luz brilhante e o som alegre da feira, onde se vai para ver, ouvir e mostrar.

Para aproximar, mexer, sondar, negociar e mercar também. Para conversar, contar, rir, talvez chorar, e conviver. Haverá tempo para parar e para deambular pelo espaço, com espaço; para brincar e pular com as crianças, desafiar os jovens para um jogo tradicional português, ver uma habilidade e até mesmo participar numa cena imprevista, num coro forte, numa dança de roda extenuante; para conversar com tempo, sobre tudo e nada; para folhear e comprar livros, apreciar documentos; para comer e beber com gosto especialidades locais; para ouvir uma boa história, uma melhor anedota, ou uma excelente exposição sobre o grupo A, a cooperativa B, a associação C; para colher informação, fazer planos de férias na serra, apreciar e adquirir artesanato de qualidade, etc., etc., pois a surpresa sempre fez parte da feira. E da festa.